

STEP INSIDE THE STORY

ENTRE DOIS MUNDOS

Nem todas as escolhas nos pertencem



DIANA DIAS BRITO

O PRIMEIRO CAPÍTULO

DIANA DIAS BRITO



Capítulo 7

Entre o Ruído e o Silêncio





O dia nasceu envolto numa névoa densa e húmida, que parecia querer esconder as imperfeições da cidade.

O céu estava pintado com uma paleta pálida, tons de cinzento e azul esbatido que se dissolviam num abraço silencioso.

As ruas, ainda molhadas da chuva que terminara na madrugada, refletiam as luzes mornas dos candeeiros que se apagavam, deixando um rasto de sombras alongadas.

Ana sentia cada passo como uma batida solitária contra o coração acelerado, o pavimento irregular a pressionar as solas dos sapatos com uma frieza quase cruel.

O casaco de lã, antigo e macio, enrolava-se-lhe em volta dos ombros, uma defesa contra o ar fresco e as incertezas que a acompanhavam.

O peso da mala, carregada com objetos que já não usava mas que recusava largar, pendia do ombro com uma presença pesada e familiar. Enquanto caminhava, o aroma do café recém-passado escapava das janelas abertas da pastelaria ao canto da rua, misturando-se com o cheiro de terra molhada e das folhas caídas.

Era um perfume agreste e doce, uma memória líquida que lhe provocava uma pontada de nostalgia.

A cidade estava a despertar num crescendo quase ensurdecador buzinas a romper o silêncio, o troar dos motores, o burburinho das conversas, o tilintar de moedas numa banca de fruta.

Era uma sinfonia fragmentada, uma colcha de sons e vozes que cobriam tudo, menos o vazio que Ana carregava dentro de si.

À sua direita, um homem vendia fruta com voz rouca e insistente, tentando capturar a atenção de quem passava.



— Maças fresquinhas! Uvas doces, acabadas de apanhar! Venham provar, não se vão arrepender!

Os transeuntes, contudo, seguiam apressados, imersos nos seus próprios mundos, alheios ao apelo do homem.

Ana olhou para ele, e por um momento viu no seu rosto o reflexo da própria luta: a esperança teimosa contra a invisibilidade.

O homem era velho, com a pele marcada pelo sol e pela vida dura, os olhos castanhos brilhando com uma luz quase perdida.

Do outro lado da rua, uma senhora idosa sentava-se num banco a alimentar os pombos com pedaços de pão seco.

Cada movimento seu era lento e metódico, uma dança suave que escondia uma solidão profunda.

Ana sentiu um aperto no peito ao olhar para aquela figura frágil, tão exposta e sozinha.

A mulher olhou para Ana, e num gesto de reconhecimento sorriu-lhe com uma ternura triste.

Ana respondeu com um leve aceno, como se naquele breve contacto pudesse encontrar uma ponte para um mundo menos árido.

À distância, um jovem pintava num muro gasto, espalhando cores vibrantes sobre a parede cinzenta.

O seu trabalho era um grito de vida num cenário que parecia afogado em cinza.

Ana ficou a observar, sentindo o coração apertar-se com a intensidade daquela pincelada, o desejo de expressão a vibrar dentro dela.

Os seus pensamentos fugiram para o campo onde crescera: vastos prados verdes, o cheiro a terra molhada, o céu aberto que parecia tocar o infinito.

Aquele silêncio antigo, apenas quebrado pelo canto dos pássaros e o sussurrar do vento nas árvores, contrastava brutalmente com o caos da cidade.



Mas as lembranças traziam também a ferida que ainda não tinha cicatrizado as promessas feitas sob o céu azul, as palavras que ecoavam no tempo, as ausências que ainda pesavam.

Ana continuou a andar, tentando afastar o peso que lhe esmagava o peito.

A cada passo sentia o contraste entre os dois mundos, o rural e o urbano, o silêncio e o ruído, a simplicidade e a complexidade.

Passou por uma montra onde estavam expostos livros e revistas com capas brilhantes e promessas de mundos diferentes.

As notícias da cidade falavam de violência, tragédias e escândalos que se repetiam num ciclo incessante, refletindo um lado sombrio da existência.

Ana pensou nas histórias não contadas por detrás daqueles títulos, nos segredos guardados por cada rosto invisível, nos sonhos que se tinham perdido.

O telemóvel vibrou na mala, despertando-a do seu torpor.

Uma mensagem simples, mas carregada de peso: “Volta para casa.”

Aquelas palavras esmagaram-na com uma urgência que lhe apertou a garganta.

Ana ficou parada por um instante, segurando a mala com força, como se quisesse extrair dali a coragem que lhe faltava.

O mundo à sua volta parecia desacelerar o ruído da cidade transformava-se num zumbido distante, enquanto ela lutava contra o turbilhão de pensamentos que invadia a sua mente.

“Será que consigo mesmo voltar? Será que o passado me deixará em paz?” — perguntas que ecoavam sem resposta, enquanto o medo e a determinação travavam uma batalha silenciosa dentro dela.

Finalmente, um suspiro profundo escapou dos seus lábios. Respirou fundo, sentindo o ar frio da manhã preencher os pulmões e misturar-se com a decisão que começava a cristalizar-se no seu coração.



Sabia que não podia fugir para sempre.

Nesse momento, o autocarro chegou com o seu barulho rouco, interrompendo o murmúrio da cidade.

Sem olhar para trás, Ana levantou-se, ajeitou a mala ao ombro, e caminhou até à paragem.

Entrou no veículo, escolheu um lugar junto à janela e sentou-se, observando a cidade a desaparecer lentamente atrás de si.

Enquanto o autocarro ganhava velocidade, as ruas tornavam-se linhas e manchas difusas, as vozes transformavam-se em ecos distantes.

O campo chamava-a, com o seu silêncio profundo e céu aberto, mas também com as feridas enterradas na terra seca e rachada.

No seu interior, um turbilhão de emoções agitava-se, medo, saudade, raiva, esperança.

Ana sabia que aquela viagem não era apenas física, mas uma jornada para dentro de si mesma.



A HISTÓRIA CONTINUA

Fica mais um pouco.

Continua a leitura no livro completo.

VER LIVRO NA AMAZON

Edição em português · Capa mole

www.dianadiasbrito.com

Copyright © 2025 Diana Brito

Amostra de leitura gratuita. Todos os direitos reservados.